

A poesia da humildade

Armanda Duarte trabalha com objectos comuns em escalas inusitadas.

Luísa Soares de Oliveira

Desculpa, grilo, roubei a tua casinha
De Armanda Duarte

Lisboa. Caroline Pagès Gallery. R. Tenente Ferreira Durão, 12, 1º Dto. Tel.: 213873376. 2ª a Sáb. das 15h às 20h. Até 24/11.

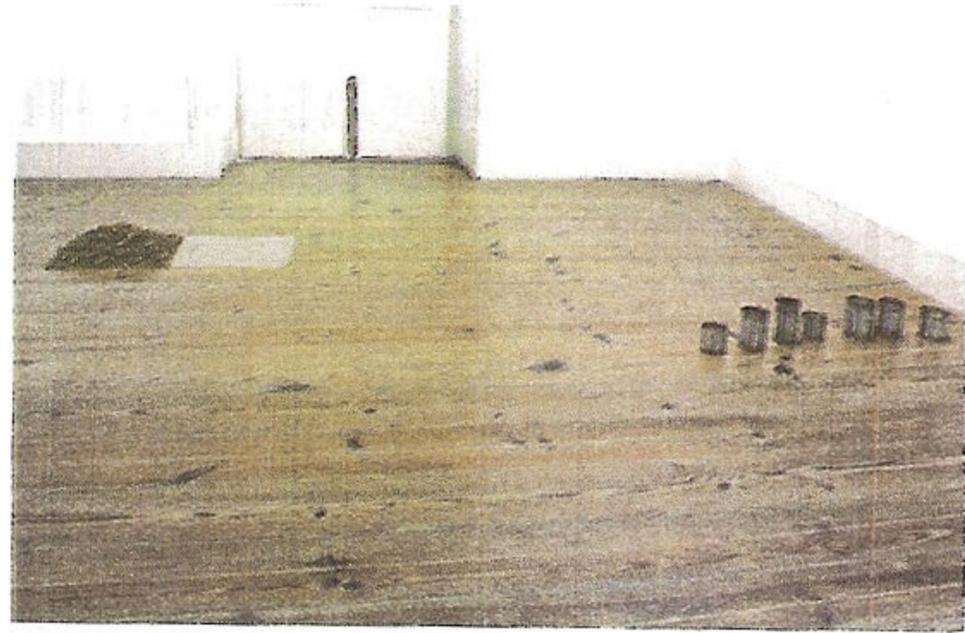
Instalação. Outros.

★★★★★

Visitar uma exposição de Armanda Duarte é sempre uma surpresa. Os espaços – neste caso, a galeria Caroline Pagès, que guarda os sinais do apartamento de habitação que um dia aí existiu – adquirem importância, uma importância que é tanto maior quanto as peças são pequenas, humildes, quase insignificantes. Armanda Duarte sempre trabalhou na fronteira entre o que é e o que não é arte. No seu caso, essa linha divisória estabelece-se pela acção do artista, mesmo e sobretudo quando se exerce sobre o objecto corriqueiro, sem importância, quase invisível.

No chão de uma sala, uma série de latas de conserva usadas estabelece um padrão. Mais tarde, veremos que essas latas criam círculos, pesos, volumes que, através da apropriação, fundamentam outras peças. Um conjunto de feijões dispostos em filas, por exemplo, ou a cor com o que os mesmos tingiram um suporte. Adiante, será o contorno de um prato reproduzido em pano cru, ou ainda a terra escolhida de acordo com a cor do feijão, metodicamente reduzida a pó e utilizada como pigmento de artes plásticas. A disposição de cada peça nas salas da galeria acentua este processo de quase desaparecimento do objecto artístico: ora segue a forma de uma tábua de chão, ora se esconde em cantos, sendo necessário todo o cuidado do visitante para as descobrir num espaço que se torna, por contraste, imenso.

Na realidade, todo este projecto convoca um processo. Podemos e devemos imaginar a artista a escolher, guardar, seleccionar, pensar a disposição de cada elemento no espaço que lhe coube. Antes, ou imediatamente a seguir a isto, a seleccionar uma medida padrão – a tábua do chão, o volume ou o peso das latas de conserva – e a dispor ou fabricar peças de acordo com este padrão. Tudo isto recorda o processo artístico clássico: escolha do motivo, determinação da escala de representação, construção de um esquema compositivo geral, disposição dos motivos no espaço da tela. Contudo, este processo é aqui uma evocação longínqua, uma memória que se actualiza na



Nas exposições de Armanda Duarte os espaços agigantam-se perante a humildade das peças, quase invisíveis, insignificantes

humildade das coisas pequenas com que a artista trabalha. E, por fim, esse processo, que é o das belas-arts modernas, também convoca o trabalho do arquitecto, o trabalho de construir no espaço: numa das peças mais emblemáticas de toda a exposição, *Abertura*, Armanda Duarte abre um saco de plástico que continha um dado volume de terra, e expõe-no, rebatido no chão, como um desenho de arquitecto, na sala, sem mais comentários.

Desculpa, grilo, roubei a tua casinha, o nome que a artista deu a esta individual, reforça esta ideia de análise do espaço, um espaço que se torna desmedido perante a escala liliputiana das peças expostas. É evidente que, como sempre sucede quando existe um trabalho consistente sobre o espaço, há também um corpo implícito que é convocado. Uma das peças, aliás, intitulada *Cópia de um personagem*, informa-nos que, a propósito de uma almofada, “sobre esta a artista repousou durante a instalação da exposição, sempre que necessário.” Toda a exposição poderia mesmo resultar de uma performance da autora, uma performance que permanece oculta e invisível, como a vida dos insectos que Armanda Duarte cita no título. No fundo, quase tão invisível como esse corpo apenas mencionado são os materiais e as peças que o sinalizam: terra, lata, plástico, algodão, feijões, tecido, luvas de plástico, tábuas do soalho, papel. Armanda Duarte trabalha a estética das coisas humildes, nas quais encontra uma poesia muito própria e original.

Esta artista, que expõe raramente e apenas em projectos independentes, pertence a uma geração de ouro de mulheres artistas: Ângela Ferreira, Fernanda Fragateiro, Ana Vidigal, entre outras, que são grosso modo contemporâneas de Armanda Duarte, possuem todas esta capacidade de encontrar nos objectos comuns a capacidade de se articularem com a linguagem que lhes é própria. Recentemente, integrou *Zona Letal, Espaço Vital*, uma colectiva de obras da Caixa Geral de Depósitos que circulou pelo país.